A LITERATURA NO BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ-PORTUGUESA (1946 A 1973): UMA LEITURA PÓS-COLONIAL DO CONTO "TRIBULAÇÕES DE UM BALANTA"

THE LITERATURE IN THE BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ-PORTUGUESA (1946 TO 1973): A POST-COLONIAL READING OF THE SHORT STORY "TRIBULAÇÕES DE UM BALANTA"

Francisco Reriton de Almeida Moura[1]

Sebastião Marques Cardoso[2]

RESUMO: O artigo propõe uma leitura de "Tribulações de um balanta" – um dos contos de ficção publicados no Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa - com o fim de analisar criticamente tanto a aplicação do imaginário do colonizador, por se tratar de um aspecto característico no processo de colonização, quanto a expressão cultural guineense dada por esse viés eurocêntrico. Verifica-se, na análise dessa narrativa, marcas de silenciamento impostas sobre a comunidade da Guiné. Por outro lado, apesar do enquadramento colonial dado, notam-se no texto tradições, crenças e valores da comunidade local que colaboram para a formação da identidade étnico-cultural de Guiné-Bissau. No Boletim, a Guiné-Portuguesa aparece como uma "invenção", ocupando-se da literatura como forma de colonizar/domesticar os locais através de boletins e da literatura, posicionando-se também como voz autorizada e legítima para denominá-los no mundo. Este artigo trabalha com críticos pós-colonialistas, como: BONNICI T., CANDIDO, Antônio. CÉSAIRE, Aimé. GLISSANT, Edouard. E NAYAR, Pramod K.

Palavras-Chave: Imaginário, tradições, cultural.

ABSTRACT: The article proposes a reading of "Tribulações de um balanta" - a fiction story published in the Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa - to critically analyze both: colonizer imaginary, because it is a characteristic aspect of colonization process, as well as Guinean cultural expression given by this Eurocentric bias. In the analysis of this narrative, it is verified the silencing marks imposed on the Guinean community. On the other hand, despite of a colonial context, the narrative reveals Guinean traditions, beliefs and values that contribute to the formation of ethnic-cultural identity of Guinea-Bissau. In the Bulletin, Guiné-Portuguesa appears as an "invention", dealing with literature as locals colonizing/domesticate tool through bulletins and literature, positioning itself as an authoritative and legitimate voice to denominate them in this world. This article works with post-colonialist critics, such as: BONNICI T., CANDIDO, Antônio. CÉSAIRE, Aimé. GLISSANT, Edouard. E NAYAR, Pramod K.

Keywords: Imaginary, traditions, cultural.

[1] Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN / reriton@bol.com.br

[2] Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN / sebastiaomarques@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O artigo propõe analisar a literatura em um dos mais antigos repositórios de literatura africana em língua portuguesa através de uma leitura de "Tribulações de um balanta" – um dos contos de ficção publicados no Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa - com o fim de analisar criticamente tanto a aplicação do imaginário do colonizador, por se tratar de um aspecto característico no processo de colonização, quanto a expressão cultural guineense dada por esse viés eurocêntrico.

Verifica-se, na análise dessa narrativa, marcas de silenciamento impostas sobre a comunidade da Guiné. Por outro lado, apesar do enquadramento colonial dado, notam-se no texto tradições, crenças e valores da comunidade local que colaboram para a formação da identidade étnico-cultural de Guiné-Bissau. No Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa, a Guiné-Portuguesa aparece como uma "invenção", ocupando-se da literatura como forma de colonizar/domesticar os locais através de boletins e da literatura, posicionando-se também como voz autorizada e legítima para denominá-los no mundo. Este artigo trabalha com críticos pós-colonialistas, como: BONNICI T., CANDIDO, Antônio. CÉSAIRE, Aimé. GLISSANT, Edouard. E NAYAR, Pramod K.

Parece consenso que há uma imagem construída e perpetuada que estereotipa e reduz a África. Uma representação faltosa, fruto de histórias troncas impulsionadas por um sistema imediatamente econômico e globalizado. Ela tem se tornado um dos prismas que limitam o conhecimento sobre a África em sua essência e valores. Tal imagem, cunhada em vieses ocidentais inicialmente espalhados pelo colonialismo, camufla a realidade e se torna uma espécie de "maldição", que desvirtua olhares, alimenta ignorâncias e discriminação. Mas, como ultrapassar esses vieses?

A literatura é um dos instrumentos que permitem um olhar diferente. Além de arte criativa, ela serve como repositório de conhecimento, memórias e representação. Propondo-se como uma fonte rica e diversa para divulgação e manutenção de culturas e o resgate memórias individuais e coletivas.

O pesquisador Leite, (2014) a descreve como um objeto particular da identidade cultural dos povos, pois refere-se a uma tradição cultural própria, capaz de dizer aquilo que a História faz silêncio. Ele afirma:

> A literatura assume-se, nesse contexto, como um meio singular de preenchimento de espaços deixados pelos discursos da História, que inquietam ou que foram declinados pelos canais oficiais, dando voz a personagens anódinas ou marginalizadas, sem medo de dizer o que a História oficial emudece. (LEITE, 2014, p.14)

Desta forma, texto literários permitem esses "enxertos" que, através de leituras e releituras, revelam marcas identitárias e culturais de povos autóctones e interferências alheias ali depositadas. As literaturas africanas são exemplos disso, de forma muito singular, pois segundo pesquisadores, parte dessa produção é conhecida como literatura de combate, correspondem a um contexto de lutas por independência no período colonial.

Leite (2014, p.14) exemplifica ao dizer que literatura guineense moderna em língua portuguesa mostra que há uma consciência contínua da emergência da nação, o que pressupõe busca por uma identidade. Mesmo antes da independência da Guiné-Bissau,

sempre ficou clara a constante a luta contra imposições colonialistas e, depois da independência, mantem registros e conscientização de suas crenças e culturas. Ele afirma que "as literaturas africanas em língua portuguesa são literaturas que insistem na dependência da questão da identidade e da cultura nacionais".

A "INVENÇÃO" DA GUINÉ-PORTUGUESA

De acordo com o Dicionário Aurélio, *on-line*, o termo "invenção" pode significar o "ato ou efeito de inventar, de criar, de engendrar; coisa nova criada ou concebida no campo da ciência, da tecnologia ou das artes", ou ainda "coisa imaginada ou inventada com astúcia ou má-fé; invencionice, maquinação, fábula, mentira". Neste artigo, o termo está sendo empregado no sentido de algo planejado, um projeto, a colonização da África, mais precisamente a província da Guiné, na costa oeste africana, hoje a Guiné-Bissau.

Silva e Beja Santos (2014), afirmam que a região já teve outros nomes: Terra dos negros, Costa dos escravos, Costa do ouro, Costa da malagueta, Costa do marfim. Todos eles, curiosamente, afins à questões econômicas e revelam uma visão colonial sobre o local: fonte de exploração econômica. Portugal obteve o domínio da província na Convenção Luso-Francesa em 1886, após sucessivos ajustamentos de fronteiras, quando permaneceu na condição de colônia desde meados do século XV até a década de 1970. Sua independência foi, finalmente, reconhecida pelos portugueses em 24 de setembro de 1973, após longo período de lutas.

A atual Guiné-Bissau, oficialmente República da Guiné-Bissau, compõe hoje o grupo de *Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP,* juntamente com São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola e Moçambique; todos colonizados por Portugal. Como o Brasil, sofreram interferências na língua, na cultura e na história.

O BOLETIM CULTURAL DA GUINÉ-PORTUGUESA

Colonizar a Guiné foi uma tarefa demorada e cheia de desafios porque os povos daquela região se dividiam em diferentes etnias, como: os Balantas (os mais numerosos e um dos que mais lutaram contra a colonização), os Fulas, Maníacas, Mandingas e os Papéis. Assim, a solução talvez fosse "inventar" a colônia modificando sua língua, crenças e a forma de se verem. Junto com a brutal imposição de políticas de dominação e silenciamentos, seria eficaz utilizar uma das ferramentas coloniais usadas para catequizar, instruir, ensinar: os boletins das colônias. Essa era uma das formas colonialistas de reduzir o outro, diminuir sua cultura, fazê-lo olhar para si como objeto. O processo incluía a língua e a literatura.

Thomas Bonicci (2000, p.1), mostra isso quando se refere ao processo de descolonização, resultado dos movimentos pró-independência e da conscientização política, ao afirmar que língua e literatura foram utilizadas como "...métodos pelos quais os colonizados foram reduzidos à alteridade, a objetificação e a degradação cultural".

A Guiné-Portuguesa surge no ano de 1879 depois da separação administrativa ligada a Cabo Verde. Augel (2007, p. 54) conta que naquele ano "instalou-se a

primeira tipografia na colônia e, no ano seguinte, 1880, teve início a publicação do Boletim Oficial importante fonte da história colonial" que parou de ser editado com a saída dos portugueses em 1974. Nesse contexto, um dos "catecismos" e historicamente o mais relevante é o BCGP, publicado entre 1946 e 1973, disponível eletronicamente, sob a responsabilidade do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa. Este documento se destaca entre os registros sobre países lusófonos, uma revista colonial com 110 edições, compostas das mais variadas produções: textos científicos, literatura, registros da cultura, costumes e contos indígenas.

Sobre a literatura, Leister (2012, p.1,4), explica que o *BCGP* apresenta um apanhado de contos de tradição oral "traduzidos" para a escrita portuguesa e contos de ficção, produzidos a partir de incentivos do Centro Cultural (Português) e "atravessados com marcas preconceituosas" e que demandam cuidados na leitura. Para ela, como instrumento do império, além de orientações e informações, dava preferência a trabalhos resultantes de observações diretas sobre os povos autóctones. Os colonizadores queriam aprender as culturas para, em seguida, integrá-las ao Estado Novo, o regime político de Portugal. Isso era parte de um projeto político ideológico que buscava também minimizar a imagem negativa do processo colonizador no cenário internacional.

Uma das pressuposições desse projeto encontra-se na sua primeira edição, um texto intitulado "*Para Elevação do Nível Cultural da Guiné*" (Vol. I, nº 1 1946, p. 5-7), declarações de Sarmento Rodrigues - capitão tenente - governador da Guiné-Portuguesa – que destaca, dentre os objetivos, divulgar cultura e informação para que Guiné se tornasse "mais do que um campo fértil de produtos materiais". Embora o texto declare não querer menosprezar e nem apoucar ninguém, o colonizador aparece como superior, pronto para civilizar, desenvolver e elevar.

Contudo, colonizar tinha implicações profundas e marcantes porque carregava projetos e ideologias cridas como superiores e necessárias para elevar o nível cultural dos povos da Guiné a um mundo imaginado pelo colonizador.

Cardoso (2014) ao explanar sobre "fraturas da cultura e da recepção literária" em *Poéticas da Mestiçagem*, sintetiza esse movimento conquistador ao tentar materializar o mundo imaginado pelo branco:

> O mundo imaginado do imaginário dos brancos é o mundo representado pelos portugueses. Estes, durante o processo de colonização, foram gradativamente ocupando os espaços da vida social na cidade, constituindo-se numa comunidade fechada, dentro de um território aberto, rico pelas várias etnias presentes, com padrões culturais seculares, e em muitos casos, divergentes à cultura do ocidente. (Cardoso 2014, p.80)

Movimento bastante presente no Boletim, que não era exclusivamente literário. Enquadra-se ao que Carvalho (2004) descreve como "tipologizações" eficazes de controle das colônias, através da delimitação dos seres e dos espaços.

Uma "colonização científica" na qual a pesquisa é institucionalizada, com o caráter de dominação e representação ideológica. Serviria como um prisma, introduzido pela metrópole como a "melhor" forma de ver e perceber o mundo. Com o fim de moldar o pensamento e sugerir uma outra imagem do espaço e de si mesmo. Tudo, de preferência, a partir do mundo imaginado do branco.

Contos de ficção no Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa: marcas coloniais e elementos de silenciamento.

O BCGP publicou 26 contos de ficção, através dos autores Alexandre Barbosa, Álvaro Egídio, Fernando Rodrigues Barragão e Francisco Valoura. Pouco se sabe sobre esses autores, mas que serviram à metrópole, que certamente moraram na colônia e conviveram com culturas locais.

Alexandre Barbosa publicou entre os anos de 1948 a 1952. Seus contos abordam a Guiné, antropologia social e cultural e contos tradicionais/contos indígenas. Ele nos apresenta a Guiné-Portuguesa e registra marcos da metrópole na colônia, como os Postos administrativos. Fernando Rodrigues Barragão teve seus contos publicados entre 1949 e 1961. Sua temática cruzava a Guiné-Portuguesa e a futura Bissau, discorrendo sobre antropologia social e cultural e abordando tradições de etnias, especialmente dos Balantas. Escreveu e publicou também textos científicos e foi vencedor do prêmio "Sena Barcelos" em 1960.

O autor com mais contos de ficção publicados no BCGP foi Francisco Valoura, 14 ao todo. Suas publicações datam entre 1951 e 1972, vésperas da independência de Guiné-Bissau. Sua temática discorre sobre antropologia social e cultural, além dos rituais dos povos autóctones como o fanado (mutilação sexual – costume bastante discutido na atualidade), a Guiné-Portuguesa e as questões de segurança da colônia. Ainda que estes contos sejam considerados como literatura de ficção, o fato é que os autores ao criar seus personagens tomam como base sua experiência empírica, sua visão de mundo. Isto faz sentido a partir das experiências do autor e do conhecimento do leitor.

Segundo Brait (1985), há uma percepção essencial na construção das personagens: primeiro que elas representam pessoas e, segundo que elas não existem fora das palavras. É nas modalidades da ficção que essa percepção é construída. Esses são dois pontos fundamentais para a compreensão sobre realidade das pessoas e as personagens na ficção.

Cândido (2011) amplia essa temática ao considerar que, dizer que o personagem é um ser fictício soa paradoxal e que é neste paradoxo que a criação literária repousa. A verossimilhança depende dessa possibilidade, de um ser fictício. Para ele, o Romance se baseia nisto, nessa relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, para ele, isto seria sua concretização.

Na mesma linha de pensamentos, Rosenfeld (2009) considera que a literatura ficcional se diferencia de outras literaturas pelo caráter mimético ou fictício a partir da realidade empírica, ou seja, de uma realidade vivenciada pelo autor. Literatura, história e sociedade se cruzam em alguns momentos e esses encontros são de muita significação. Assim, romances e outros tipos de texto publicados em um período e contexto colonial e pós-colonial podem transcender os contextos, evidenciam elementos marcantes do espaço tempo e permitem uma compreensão que ajudam na interpretação e conhecimento da obra.

O conto "Tribulações de um Balanta" de Fernando Rodrigues Barragão

Este conto foi publicado no ano de 1951 no BCGP (Vol. VI, nº22 1951, p. 399-404). Um período historicamente muito significativo para ambos: para a colônia e para

Portugal. A metrópole lançava campanhas de pacificação das colônias. Augel (2007) afirma que foi também nesse ano que Guiné ganhou o título de Província Portuguesa de Ultramar, deixando de lado a ideia de colônia. Contudo, sem conseguir unir a nova província aos planos lusitanos.

De acordo com Salvatore Cammilleri (2010) o termo balanta é uma adaptação para a língua portuguesa da palavra **B'lanté** (língua Braza), significa literalmente "aqueles que resistem". Um nome bastante sugestivo uma vez que se tratava do maior grupo étnico, valente e oposto à colonização da Guiné.

Não é difícil implicar que Portugal tentou enfraquecer os balantas, inclusive nomeando chefes de outras etnias (cipaios[3]), para ajudar na administração colonial e também oprimir os opositores. Porém, tais ações tiveram um efeito contrário porque muitos balantas se alistaram como soldados e apoiaram movimentos nacionalistas de libertação. Uma leitura atenta, mostra que o conto apresenta um jovem balanta em um dos conflitos mais comuns na relação colonizador/colonizado: dívidas, alcoolismo e violência. O autor dá visibilidade à etnia já no título, enquanto o narrador observador conduz o leitor a uma percepção de espaço e tempo configurados a partir de sua própria compreensão. Ao longo da narrativa são apresentados vários elementos que remetem à realidade colonial da época em que foi escrita.

O personagem principal é um colono, um jovem balanta, apresentado como faminto, apático, desnorteado e que se julga injustiçado e explorado pelo homem branco. Um detalhe que chama a atenção é o esvaziamento do seu nome, apenas *Clodjê*.[4] O texto não mostra seu segundo nome, que seria o nome da família, conferindo-lhe a formação da identidade de acordo com a cultura balanta. Outras descrições do jovem parecem retirar dele a "fama" de balanta (guerreiro destemido). Diferente da realidade de um balanta, ele agora é um agricultor casado, dependente do comércio e confuso. Um colono, no sentido literal da palavra, que precisa aprender a viver na nova realidade e falta-lhe educação, noções básicas de administração e matemática.

O conto confere elementos da realidade colonial, como o comércio feito pelo homem "branco", os lojeiros, as vendas de cigarro, álcool. Além de crenças e práticas cristãs e mulçumanas. Tudo isso posto como muito positivo. A metrópole trazendo civilidade e desenvolvimento. Percebem-se as representações de nativos imitando o estrangeiro (superior) e estrangeiros ridicularizando nativos.

Nayar[5] (2008) explica um pouco sobre a escrita no período em que esses contos foram escritos, ele diz que:

---

3 Cf. LEISTER, Fátima Cristina. Caminhos de Pesquisa: A Guiné-Bissau e o Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa (1946-1973). In: Projeto História, São Paulo, n.44 pp 321-330, jul. 2012.cf. nota 21.

4 Barragão menciona este nome em outros contos no BCGP, como no conto "...E o rito foi quebrado" ao fazer referência a um jovem que atrai uma maldição por contrariar as crenças balantas e roubar um bode.

5 Postcolonial novels of the 1950s, therefore, were essentially case studies of cultural colonialism, native identity, and anti-colonial resistance. They were about history, with many authors suggesting that native cultures should understand their history and the history of colonialism better. The anti-colonial struggle in Africa, for instance, moved rapidly from the political dimension to the cultural one. Anti-colonial writing of the first phase is thus of the cultural nationalist variety—embodied in movements such as Negritude, African Personality, and African Aesthetic. Freedom from European political domination was, in these struggles, freedom from European cultural imperialism. (NAYAR 2008, p.82, 83 tradução nossa).

> As novelas (Romances) pós-coloniais da década de 1950, portanto, eram essencialmente estudos de caso do colonialismo cultural, a identidade nativa, e resistência anti-colonial. Elas eram sobre a história, com muitos autores sugerindo que as culturas nativas deveriam compreender melhor sua história e a história do colonialismo. A luta anti-colonial na África, por exemplo, mudou-se rapidamente da dimensão política para a cultural. A escrita anti-colonial da primeira fase é, portanto, de variedade cultural nacionalista - incorporada a movimentos como Negritude, Personalidade Africana, e Estética Africana. A liberdade dessa dominação política europeia foi, nessas lutas, a liberdade do imperialismo cultural europeu. (NAYAR 2008, p.82,83)

Aqui encontramos elementos que marcavam a vida política e social da colônia, bem como transformações culturais marcadas pelos povos autóctones e pela presença do colonizador e estrangeiro. *Clodjê*, é uma figura frágil e não um guerreiro. Embora a fome esteja colocada como elemento que causa a desorientação do jovem, outros fatores no texto chamam a atenção, como por exemplo: valores familiares, éticos, crenças, o sentido de justiça e a presença da administração portuguesa. A descrição nas primeiras linhas do conto deixam muito clara a aflição sofrida pelo jovem, ele é descrito como alguém de olhar "morto" e de atitudes frias e indiferentes.

> Com o olhar morto, sem simpatia nem rancor, olhou a companheira estendida a um canto. Acabara de sová-la. De sová-la ferozmente, numa ira súbita que não explicaria. Nem o álcool pode ser acusado. Há muito que não bebe. Onde o dinheiro? (BARRAGÃO 1951, p.399)

A dificuldade de entender sua situação econômica, caracteriza-o como um homem de negócios, porém fracassado. Consequência de sua administração ruim e de uma comunidade injusta. O fato é que ele não conseguia entender aquela realidade e não questiona se está sob alguma maldição, conforme as crenças balantas.

> Ele sabe que o arroz, todo o arroz da sua colheita farta, se esgotou de repente. Sabe porque o não vê e sente no estômago a sua falta. Mas não compreende. Por mais voltas que dê, pensando e pensando, não compreende. Servindo-se de pequeninas pedras, fez as suas contas. Mas, a meio já a confusão era tanta que as repetiu. E foi repetindo, vezes e vezes, até desistir. (BARRAGÃO 1951, p.399)

A narrativa da violência doméstica, dos desentendimentos do jovem com sua esposa, deixam no ar algo de preconceituoso. Os eventos narrados não conduzem o jovem balanta para as crenças do seu povo, mas apresenta um homem mais parecido com o europeu no comportamento e postura. Parece ser do interesse do narrador que a identidade cultural do jovem seja aqui modificada, moldada pelo conflito.

Fanon (2008), ao analisar a relação colonizador/colonizado observa o jogo de poder que coloca a cultura do *outro* como algo que precisa ser assimilado porque vem do "superior" para sair da situação de colônia e se tornar igual ao colonizador (incompleto). Ele afirma:

> Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. (FANON, 2008, p. 34).

Ashcroft *et al* (1991) sistematiza as colônias em colônias de povoadores, colônias de sociedades invadidas e, colônias de sociedades duplamente invadidas. A África faz parte das colônias de sociedades invadidas. Nesse contexto o colonizador com sua língua e cultura são centrais. O colonizado agora aprende com o "visitante". As teorias pós-colonialistas também explicam essa relação em que o colonizador aparecia como referência de bom e sua visão de mundo a correta. Ele é o Outro, o centro. O império é bom e cuidará do colonizado. A realidade é que essa relação do colonizador com as colônias, em especial as colônias invadidas, é antagônica, contraria as partes.

O casal balanta mora na tabanca (aldeia de casas) e a narrativa expõe que o jovem, no ápice de sua sandice, espancou o primeiro ser que encontrou quando entrou na sua, até então, tranquila moradia (casa de uma única família). A narrativa continua: "e os gritos da mulher, rasgando a quietude da *morança* e ecoando longe, mais o enfureceram. E a impunidade – que os vizinhos são sempre surdos – deu-lhe asas e forças. " (BARRAGÃO 1951, p.399).

O espaço geográfico do conto, ambiente em que se passa a narrativa, não é algo agradável. O narrador descreve o local como castigado pelo sol e pela sequidão, os animais estão famintos e desolados, crianças nuas disputam as poucas sombras, mosquitos inquietadores. Na descrição da tabanca (aldeia) o autor, de forma preconceituosa, a adjetiva de "o *fanado*" (cerimônia sagrada de iniciação dos balantas). Usa o termo para descrever algo triste e irremediavelmente morto, relacionando tudo à fome como "uma dor morrinheita, constante e má, aperta-lhe o estômago e provoca tonturas. " Enquanto no outro lado da trama temos a figura do caixeiro, às vezes, chamado de lojeiro. Historicamente é fato que figuras como essas marcavam a presença comercial a explorar aquelas regiões. O narrador, aqui, mais uma vez descreve sua visão da realidade de então.

A imagem do caixeiro contrasta com a realidade dos povos nativos. "...gordo e vermelho, fuma tranquilamente. Tem uma camisa leve, de estreitas riscas azuis..." (Idem, p.400). Comerciante frio, que explora o desespero do outro. Com aspereza praticava o comércio da barganha, dos "juros" altos, contra quem não tinha a mesma sagacidade, o "pequeno feudo". "Foi só quando deitou a ponta pela janela que o caixeiro ditou as condições. Sem pressas. Sem interesse" (BARRAGÃO 1951, p.400).

Há demora na negociação entre *Clodjê* e o caixeiro. O jovem luta sem entender que ali se trata de algo unilateral, pela pouca lógica das pedrinhas que contam menos do que o débito e pela pressa da fome que não concordava com o jeito "descansado e debochado" do caixeiro. Ele saiu com dúvidas sobre o que fazer. Aceitar ou não aquele empréstimo desigual. "*Clodjê* dispersou as pedras com um pontapé distraído e deu alguns passos. Mantinha ainda o queixo colado ao peito. Os braços tombados balouçavam rente ao corpo, ao abandono". (BARRAGÃO 1951, p.402) A confusão lhe rouba o juízo, a negociação com espigas e entrega de outros itens como pagamento não faziam sentido justo para ele.

> Sob o peso da perspectiva atroz, Clodjê caminha quebrado, os nervos tensos, o espírito alvorotado e confuso. Nos olhos parados, uma luz baça de melancolia. E fome! Mas não. Não pode receber o empréstimo. Ficará daqui a pouco, quase sem semente. Terá uma colheita pobre, de míseras espigas que a loja absorverá. E aquela história das galinhas, dadas assim sem mais nem quê, turva-lhe, mais e mais, o raciocínio lento e emaranhado. (BARRAGÃO 1951, p.402)

Além de tudo, ele encontra um jovem balanta a bajular o caixeiro. Um servo com "cheiro" de branco e, junto com o lojeiro, gordo e vermelho, ria de deboche. Aquilo causava-lhe pavor. "Tinha o ar torvo e pânico de animal encurralado. O caixeiro ria e o pretito, praticamente de balcão, gargalhava com pequenos gritos sincopados e histéricos. Clodjê fitou-o". (BARRAGÃO 1951, p.401). Nesse trecho percebe-se o colonizado (pretito) querendo ser igual ao colonizador. Ele esquece por um momento sua identidade, valores, origem e passa a corresponder com o Outro, como se isto fosse o torná-lo mais parecido com Outro.

Fanon (1983, p. 90, 188) diz que o problema não está na cor da pele, mas em como cada um desses indivíduos se veem. O branco, mesmo quando em minoria não se vê como negro, porém "O negro quer ser como o branco. Para o negro não há senão um destino. E ele é branco". O Outro passa a ser referência.

A situação irrita o balanta que pensa então em roubar o armazém, vê que seria fácil fazê-lo. "Roubar" era uma faceta dos balantas. Porém, sua tradição permitia "roubar" boi, como dote por uma esposa. Roubar o armazém só traria mais problemas. Além disso, o lojeiro poderia ir queixar-se ao Posto e ele não era de confiança, poderia mentir sobre o volume do possível roubo. Isto aumentaria a injustiça contra ele. Observa-se aqui uma marca do projeto colonial: o Posto mencionado alude ao Posto administrativo da metrópole para resolver questões das colônias.

Leister (2012, p. 326) aponta que há a menção desses postos em outros contos de ficção no BCGP, ela afirma que "apesar de estarem permeados de marcas preconceituosas, os "contos de ficção" trazem registros sobre atividades e práticas locais. Exemplo disso no conto: *O calor, o abandono e um olhar meigo* de Edígio Álvaro, no qual há referência a um posto de cipaios (sipaio, sipai ou sipal), um tipo de polícia e tropa auxiliar sob ordens europeias.

> Pequena vila do interior da Guiné, sem divertimentos, sem variações, eternamente entregue ao mesmo ciclo de compra e venda, de mancarra e panos, de fartura e fome, de batuques e trabalho. Limite entre o Sul luxuriante e a fronteira leste ameaçando as secas e o deserto, meio termo entre a floresta de dois andares e lamaçais constantes e as extensões áridas, a lama gretada, as árvores retorcidas e secas pelo Sol e pelas queimadas, pequena, laboriosa vila, sentinela vigilante num posto avançado, ignorando se para trás ainda se encontra alguém (BCGP nº 73, ano 1964 p. 63).

Ao tentar compreender o conflito do personagem, a situação remete ao a Glissant (2011) ao expor a ideia do rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na base de sua teoria em *Uma Poética da Relação*, e seu conceito de identidade como um prolongamento em uma relação com o outro. Com isso, ele questiona o *nomadismo* e suas diferentes formas, apresenta o nomadismo *invasor* ou *flecha*, cujo objetivo é conquistar terras através do extermínio dos seus habitantes. Trata-se de uma relação com a terra tão imediata ou tão predadora que a identidade se torna secundária; existindo apenas quando as comunidades tentam legitimar a posse de um território.

O enredo aqui apresenta uma vítima desse tipo de nomadismo, que perde sua identidade, sente-se roubado em sua própria terra. Sem esperanças, seus dias parecem repetições, uma angustiante vida ao lado dos Outros e de nativos que se comportam como os estrangeiros. Depender do "homem branco" significa trabalhar muito e sempre, como em uma engrenagem que mói e transforma.

Nos momentos de desfecho do conto, a narrativa mostra *Clodjê* se enchendo de alegria porque parecia haver uma "saída" para aquela situação. A justiça oferecida pela metrópole. As autoridades lhe fariam justiça. "Um riso sereno rasga-lhe o rosto cansado. Irá ao Posto queixar-se do lojeiro... O Posto fará justiça. " Ele imagina que se contar tudo o que o branco propôs, as autoridades perceberão que há "malandrice". Por acaso no auge de sua satisfação e esperança por justiça, "tem agora o passo rápido e elástico, o andar felino das horas boas", a narrativa traz duas surpresas: a primeira é que o jovem é levado, pelo impulso "rizomático", a conversar com quatro "grandes" (conselheiros); a segunda está na reação dos grandes. "Mas os velhos não acompanham a sua alegria ruidosa. " (BARRAGÃO 1951, p. 403).

A sentença dos conselheiros: "Que tem o Posto com tua vida? Branco de Loja é Branco mau, tu sabes? Não, tu não irás. " (BARRAGÃO 1951, p.403). O jovem ficou surpreso, visto que a ideia lhe parecia justa e a imagem dos conselheiros deveria seguir a justiça. Também pareciam sem forças e conformados. Talvez este contraste tenha sido proposital, uma confusão entre o conselho dos anciãos balantas e a justiça oferecida pela metrópole; entre os "grandes" e o colonizador. O narrador afirma que os sábios da tabanca "não se habituariam, jamais, a contar com as autoridades" (BARRAGÃO 1951, p.404).

O conto sugere que a tribulação de Clodjê seria amenizada se ele aceitasse a nova realidade. A narrativa mostra os sábios da tabanca agora cansados, "olhar de morto", dando conselhos de desesperança, de rendição. "Vida de negro é vida cansada. E lojeiro é branco mau...". Perder tempo: "O Posto é longe, muito longe... não chegará nem hoje. Nem nuca". Em contraposição à situação, o texto diz "os armazéns estão perto". Ele então retrocede. Precisa voltar, aceitar a sina "como se o mundo se houvesse fechado numa redoma de vidro levemente embaciado" (BARRAGÃO 1951, p.404).

A realidade dos negócios com o lojista, mudam a vida do balanta, rouba-lhe a paz de homem feito e sua força de guerreiro. Agora, ele é um mero agricultor endividado. Sem rumo, sem conselheiros, sem dinheiro. Escravo de si mesmo em sua própria terra. A única saída, e desfecho do conto, é aceitar a proposta do caixeiro. Ele entra na loja e encontra o caixeiro com seu servo e cúmplice, o "negrito perfumado" como traidor de si mesmo, um quase branco, quase balconista, quase Outro. Uma aventura balanta, tramada no imaginário do estrangeiro, do colaborador da metrópole.

CONSIDERAÇÕES

A tribulação do balanta narrada nesse conto da perspectiva do colonizador revisita e representa o tipo de tribulação experimentada por etnias na Guiné, embora se trate de um texto ficcional. Descreve situações que permeiam os contos de ficção publicados no BCGP. Como uma metonímia, um conflito cultural com fins silenciamento, marcadas pela imposição e desencadeadas pela presença do colonizador.

Essa visita literária à realidade da colônia, marcada pelo desdém e pela negação aos costumes, pela crença e à luta pela sobrevivência, presentes nesses contos, parecem materializar a crítica de Aimé Cesaire, em seu discurso sobre o colonialismo em 1955, que data muito próximo à publicação desse conto. Disse Cesaire:

> Entre colonizador e colonizado só há lugar para o trabalho forçado, para a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o robô, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas,

> as massas aviltadas. Nenhum contacto humano, mas relações de dominação e de submissão que transformam o homem colonizador em criado, ajudante, comitre, chicote e o homem indígena em instrumento de produção (CESAIRE 1978, p. 25).

Para o autor (1978, p.25) a equação é esta: "colonização = coisificação". E o conto *A tribulação de um balanta* equaciona este resultado. Porque as consequências reais vividas pelos povos autóctones foram estas que Aimé descreve com muita propriedade. Ele continua:

> Eu, falo de sociedades escravizadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas (CESAIRE 1978, p. 25).

Essa tribulação não tem um fim no conto. A narrativa continua ao sugerir que para esta situação não há culpados, mas sim uma necessidade imediata de aceitação, adequação para o trabalho e a paz ofertada. Sugere também que o sofrimento de *Clodjê* era resultado de sua não aceitação à nova realidade e da desconfiança que os balantas alimentavam contra as autoridades, contra os brancos e contra aqueles que haviam finalmente aceitado trabalhar para os seus novos senhores.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema P. **O desafio do escombro**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BONNICI T. **Aspectos da teoria pós-colonial**. In: ____. *O pós-colonialismo e a literatura:* estratégias de leitura. Maringá: Edvem, 2000. p. 01-48.

BRAIT, Beth. **Baktin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, Guiné, n.º 1 a 110. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/BCGP.aspx.> Acesso em: 10 jan. 2015

CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo Balanta**. trad. Lino Bicari, Maria Fernanda Dâmaso; ed. lit. Fernando Mão de Ferro. - Lisboa: Edições Colibri, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 12 ed. Rio de janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARDOSO, Sebastião Marques. **Poéticas da Mestiçagem**: textos sobre culturas literárias e crítica cultural. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

CARVALHO, C. (2004) Soronda - Revista de Estudos Guineenses, 8:55-83. Disponível em: < https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/6218> Acesso em Jul. 2016.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre el colonialismo**. Madri: Akal Ediciones, 2006.

DA COSTA LEITE, Joaquim Eduardo Bessa. **A Literatura Guineense**: Contribuição para a Identidade da Nação. 2014. 326 f. Tese doutorado em Letras. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Coimbra. 2014.

DA SILVA, Francisco Henriques; SANTOS, Mario Beja. Da Guiné-**Portuguesa à Guine-Bissau**: um roteiro. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2014.

Dicionário do Aurélio: dicionário de português. Disponível em: https://dicionariodoaurelio.com Acesso em 30 de Ago. 2016.

GLISSANT, Edouard. **A errância, o exílio**. In: Poética da relação (tradução Manuela Mendonça). Porto: Porto Editora, 2011. p.21-30.

LEISTER, Fátima Cristina. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau**: um boletim cultural da Guiné Portuguesa. Dissertação de Mestrado pela Universidade Católica de São Paulo, 2012.

____. **Caminhos de Pesquisa**: A Guiné-Bissau e o Boletim Cultural da Guiné-Portuguesa (1946-1973). In: Projeto História, São Paulo, n.44 pp 321-330, Jul. 2012

NAYAR, Pramod K. Postcolonial Literature: an introduction. Pearson. Dorling Kindersley: India 2008. ePub ISBN 9788131785348.

ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.